

*A histerectomia e as possíveis alterações sexuais: uma comparação entre a classe operária e a classe média-alta**

Guenia Bunchaft *

Maria da Conceição Loureiro **

Existem alterações sexuais em função da histerectomia? De que maneira o nível socioeconômico interfere nessas alterações? As autoras pretendem responder a essas questões realizando uma pesquisa de campo, de cunho quantitativo, na qual foi estudada a influência da histerectomia na imagem corporal, na sexualidade, em termos da motivação para o ato sexual e do prazer com ele usufruído.

Este artigo se baseia em uma pesquisa cujo objetivo foi estudar, em forma retrospectiva, as alterações da sexualidade em mulheres submetidas à histerectomia em função da sua classe social. Foi aplicado um questionário sob a forma de entrevista em 23 mulheres

da classe operária, que se submetem à histerectomia na Santa Casa de Misericórdia, e em 23 mulheres da classe média-alta, que o fizeram na Clínica São Vicente, situadas no Rio de Janeiro.

Não foi confirmada a hipótese de que as mulheres de nível socioeconômico baixo (classe operária) teriam seu interesse e sua satisfação com a relação sexual prejudicados, em contraste com as mulheres de nível socioeconômico médio-alto; esta hipótese corresponderia à discrepância entre os dois grupos quanto ao nível de informação sobre a histerectomia. Ao contrário, a comparação entre os dois grupos mostrou que nas

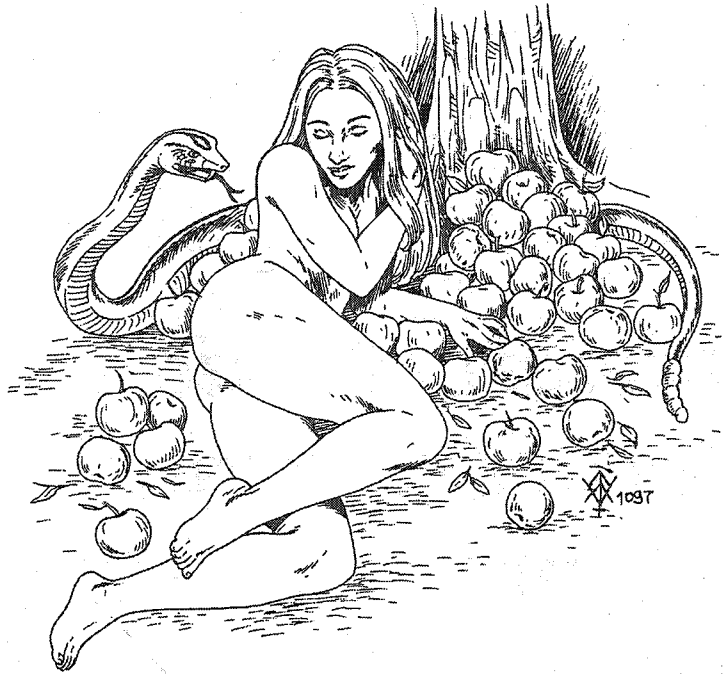
mulheres da classe operária, tanto a motivação para o ato sexual como o grau de prazer com ele usufruído se intensificaram (conforme relato delas), do pré para o pós-operatório. Em contrapartida, as mulheres da classe média-alta relataram uma maior variação quanto à alteração em seu grau de prazer após a histerectomia, não havendo efeito da cirurgia na motivação para o relacionamento sexual. Ademais, o sentimento de perda da feminilidade pela retirada do útero acentuou-se nas mulheres da classe média-alta, ocorrendo o oposto com as mulheres da classe operária.

A respeito desses achados, Muraro (1983) elaborou duas contribuições

teóricas baseadas em seus próprios estudos de campo. Ao comparar homens e mulheres das classes operária e burguesa, quanto à influência do nível socioeconômico em diversos aspectos, observou que os valores e atitudes das mulheres da classe operária permitiram classificá-las como detentoras de “um-corpo-para-a-produção”. Este corpo estaria voltado para um trabalho manual e distante do mercado de consumo de bens destinados ao embelezamento e à manutenção da saúde. Nesse contexto, a simples eliminação dos sintomas desagradáveis que levaram à histerectomia propiciaria a essas mulheres a recuperação do corpo para a obtenção de mais prazer sexual.

Em contraste, ainda segundo Muraro, as mulheres da classe burguesa seriam detentoras do “corpo-para-o-consumo”, referindo-se aos cuidados dispensados à saúde e à estética. É compreensível que, neste contexto, o binômio saúde-beleza vinculado ao corpo levaria a mulher da classe média-alta, após a histerectomia, a se sentir menos feminina, o que comprometeria o seu desempenho sexual.

A segunda contribuição de Muraro, para elucidar os resultados encontrados em nossa amostra de mulheres histerectomizadas, foram os dados empíricos obtidos por essa autora quanto à atitude de seus entrevistados em relação à menopausa. Tais dados são interessantes, na medida em que a menopausa e histerectomia se equivaleriam na associação entre a sexualidade e a procriação. A autora verificou que a mulher burguesa, na menopausa, abandona a vaidade e a sexualidade. Ela observou que “grande parte (50%) das



mulheres entrevistadas se retira da vida sexual por ocasião da menopausa” (p. 96) e que os homens (70%) também rejeitam a mulher quando ela entra na menopausa.

A valorização diferencial da mulher operária e da burguesa quanto à feminilidade, beleza, juventude, capacidade para o trabalho físico etc., está estreitamente ligada à desvalorização sexual da mulher após a menopausa, que é menos intensa na mulher operária do que na mulher burguesa. Assim, apenas 16,7% das mulheres e 14,7% dos homens da classe operária, entrevistados por Muraro, concordam que na menopausa acaba o prazer sexual.

Estes dados dão respaldo teórico, ainda que indiretamente, à intensificação do prazer sexual das mulheres da classe operária por nós entrevistadas. Quanto à atitude dos homens em relação à histerectomia, os dados por nós observados foram equivalentes aos obtidos por Muraro, ainda que em menor proporção, em relação à menopausa. Os homens da classe média-alta

evidenciaram alto grau de preconceito (30,4%) em comparação com os homens da classe operária (8,7%) em relação à histerectomia. Na classe média-alta destacou-se um alto número de separações (7 em 23) atribuídas pelas mulheres à rejeição sexual por seus parceiros após a histerectomia. A atitude preconceituosa por parte dos parceiros levou algumas mulheres a terem amantes, dos quais escondem que fizeram histerectomia.

Boltanski (1984) também forneceu subsídios teóricos e empíricos interessantes para nossos achados ao relacionar em seu livro *As Classes Sociais e o Corpo* as práticas de saúde das classes. Segundo esse autor, na medida em que se passa da classe inferior à superior diminui-se a valorização da força física (“corpo-para-a-produção”) em favor do enaltecimento da beleza e da forma física (“corpo-para-consumo”), estabelecendo-se uma relação reflexiva com o corpo. Nas mulheres da classe operária, que foram objeto de nosso estudo, o

esforço físico necessário às suas atividades amorteceria a discriminação apurada das sensações corporais e uma relação mais consciente com o corpo. Logo, a eliminação dos sintomas após a histerectomia permitiria, a essas mulheres, retornar de forma usual sua sexualidade.

As mulheres da classe média-alta, com atividades mais intelectuais, estabeleceriam uma relação reflexiva com seu corpo que, aliado aos padrões vigentes de

beleza e saúde, as impediria de melhorar seu desempenho sexual em função da histerectomia. Essa relação reflexiva com o corpo foi expressa pela alta incidência (6 em 23) de mulheres que, após a histerectomia, começaram a fazer psicoterapia numa tentativa de solução de problemas psicológicos associados à cirurgia.

Parece, enfim, que para algumas mulheres da classe média-alta um corpo sem útero é sinônimo de corpo sem sexualidade; a associação procriação/sexualidade parece fazer parte do imaginário social e da grande gama de preconceitos de cunho social.

Os resultados da pesquisa parecem evidenciar que o nível socioeconômico é um fator determinante na forma como a histerectomia é elaborada psicologicamente pela mulher. O estudo das variáveis envolvidas nos padrões sexuais de mulheres histerectomizadas da classe operária e da classe média-alta é sugestivo de que: as mulheres da classe operária vivenciam a excisão do útero de forma pouco

traumática em comparação com as mulheres da classe média-alta.

Ficou evidente que um melhor esclarecimento pré-operatório não é suficiente para que a mulher consiga, assim como seu companheiro, dissociar a capacidade reprodutora do desempenho sexual

e da feminilidade propriamente dita. Tais dados são indicativos de que justamente o aumento da atenção dispensada ao corpo e a reflexão sobre

as sensações corporais, peculiares à classe média-alta, levariam a um vínculo mais acentuado entre a reprodução e a sexualidade; esta associação levaria a histerectomia a comprometer o desempenho sexual das mulheres desse nível socioeconômico. Já para as mulheres da classe operária, o corpo tem um sentido mais prático-objetivo, menos pensado; a eliminação dos sintomas que levaram à necessidade da cirurgia seria suficiente para que a atividade sexual fosse retomada da forma usual e até melhorada.

Cabe ressaltar que trata-se de estudo retrospectivo e, portanto, as evidências não são conclusivas como quando se utiliza uma estratégia prospectiva; numa pesquisa prospectiva as mulheres seriam acompanhadas antes e após a cirurgia, ao invés de relatarmos suas percepções e sentimentos conforme são lembrados. Estudos prospectivos com maior controle das variáveis elucidariam de forma mais apropriada a nossa questão, ou seja, a influência da histerectomia na sexualidade feminina.

Os resultados da pesquisa parecem evidenciar que o nível socioeconômico é um fator determinante na forma como a histerectomia é elaborada psicologicamente pela mulher.

Referências Bibliográficas

1. Alves, R. Sexualidade de mulheres submetidas à histerectomia. *Sexus*. 1989.
2. Baker, M. & Quinkert, K. Women's reactive to reproductive problems. *Psychological Reports*, 1983; 53 (1).
3. Boltanski, L. As classes sociais e o Corpo. Rio de Janeiro Graal, 1984.
4. Dennerstein & Ryam, M. Psychosocial and emocional sequelae of hysterectomy. *J. Psychosomatic Obst. and Gyn.*, 1982; 1-2.
5. Malbe, H.W. et al. Aspectos psicológicos da histerectomia: temores, reações psicológicas pré-operatórias e influência do lar atual. *Rev. Bras., de Gine e Obst.*, 1988; 15(4).
6. Muraro, R.M. Sexualidade da mulher brasileira. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
7. Teitelroit, B. Histerectomia e revivência da fantasia de castração: Uma exploração através do Rorschach. *Psico*, 1980; 1(2).

Este artigo foi elaborado com base nos dados da pesquisa realizada pela segunda autora sob a orientação da primeira autora na Santa Casa da Misericórdia e na Clínica São Vicente - RJ: Agradecemos ao dr. Aldindar Soares Filho, que possibilitou o acesso aos arquivos das duas instituições, assim como às psicólogas Regina Barbedo e Tânia Muto que colaboraram na coleta de dados.

* Psicóloga, mestre em Psicologia pela Fundação Getúlio Vargas. Professora da UFRJ

** Psicóloga, Especializada em Filosofia pela UFRJ

Endereço para correspondência:
Rua Barão de Itambi, 7/111
22231-000 - Rio de Janeiro - RJ